

4 - A repercussão da morte de Zola em periódicos brasileiros

Alvaro Santos Simões Junior

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SIMÕES JUNIOR, AS. A repercussão da morte de Zola em periódicos brasileiros. In: *Estudos de literatura e imprensa* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, pp. 51-65. ISBN 978-85-68334-47-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

4

A REPERCUSSÃO DA MORTE DE ZOLA EM PERIÓDICOS BRASILEIROS¹

Quando Émile Zola (1840-1902) morreu, o naturalismo brasileiro estava quase exaurido. Júlio Ribeiro (1845-1890), Adolfo Caminha (1867-1897) e Manuel de Oliveira Paiva (1861-1892) já haviam falecido; Inglês de Sousa (1853-1918) e Aluísio Azevedo (1857-1913) já haviam publicado suas últimas obras significativas, respectivamente *Contos amazônicos* (1893) e *Livro de uma sogra* (1895). Seguiam em atividade apenas autores de menor expressão como Domingos Olímpio (1850-1906), Antônio Sales (1868-1940) e Rodolfo Teófilo (1853-1932). Publicados em 1902, *Canaã*, de Graça Aranha (1868-1931), e *Os sertões*, de Euclides da Cunha (1866-1909), já anunciavam novas experiências estéticas. Entretanto, inúmeros colaboradores e redatores de jornais brasileiros eram admiradores, seguidores ou mesmo adversários do Naturalismo francês. Por isso, a morte de Zola ocorreu em momento propício para sugerir um balanço crítico do Naturalismo e suscitar notícias, artigos e crônicas que contivessem reflexões interessantes sobre sua obra e a validade da estética naturalista.

1 Publicou-se primeira versão deste artigo na revista canadense *Excavatio* (v. 20, n.1-2, 2005). Brigitte Hervot realizou a tradução do português para o francês.

A partir desse pressuposto, consultaram-se os periódicos cariocas *Cidade do Rio*, *Jornal do Brasil*, *O País*, *Jornal do Comércio*, *A Notícia*, *Correio da Manhã* e *Gazeta de Notícias* e o paulistano *O Estado de S. Paulo*, nos quais se encontraram três tipos de textos motivados pela morte do grande escritor francês: 1) notícias sobre o sinistro que a motivou e sobre as cerimônias e homenagens póstumas,² 2) necrológios sem assinatura e 3) textos de colunistas ou colaboradores regulares.

Necrológios

No dia 30 de setembro de 1902, somente o jovem *Correio da Manhã*, fundado em 15 de junho de 1901 por Edmundo Bittencourt (1866-1943), adversário feroz dos governos da Primeira República, e o vetusto e eternamente governista *Jornal do Comércio* deixaram de publicar artigos em homenagem a Zola. As exceções não ofuscam o fato relevante de que a maioria dos principais jornais brasileiros reconheceu ser necessário pronunciar-se sobre o trágico acontecimento, o que denotava a importância então atribuída ao autor de *L'assommoir* (1877).

O necrológio da *Gazeta de Notícias*, o jornal brasileiro que mais dera espaço à literatura no último quartel do século XIX, definia o morto ilustre como um “lutador frequentemente apaixonado” e previa que, juntamente com as homenagens ao grande artista, surgiriam manifestações de “intolerância” e “paixão partidária” porque os que lutaram pela condenação do capitão Alfred Dreyfus, acusado de entregar segredos militares franceses aos inimigos alemães, nunca perdoaram a decisiva e vitoriosa intervenção de Zola pela reabertura do processo com a publicação de “J'accuse”, carta aberta ao presidente da República divulgada em *L'Aurore*, edição do dia 13 de janeiro de 1898. Quanto à obra literária, o articulista

2 Como este ensaio trata apenas de questões literárias, esses textos meramente informativos não são considerados, apesar de serem numerosos.

notava que em cada livro havia “o aspecto genérico da sociedade, [...] das suas misérias, dos seus vícios e das suas virtudes”. Resaltava também a convivência em suas páginas “das cenas mais simples da vida trivial” com “cenas verdadeiramente épicas”, o que se verificaria, por exemplo, em *Germinal* (1885) e *Fécondité* (1899) (Emílio Zola, *Gazeta de Notícias*, 1902, p.1).

O necrológio do vespertino *A Notícia*, que contava com colaboradores literários de excelente nível, não foi tão sóbrio quanto o da *Gazeta de Notícias*. Logo no início, já se apresentava Zola como o “maior romancista francês do século XIX”, cuja “primeira e mais propalada ambição” fora fundar o romance naturalista, por ele chamado de “experimental”. Não obstante, o articulista relativizou a importância do rótulo, que haveria sido adotado por inclinação polêmica e, também, para testemunhar “admiração e fidelidade às normas da ciência”, que tanto avançara com o método experimental de Claude Bernard (1813-1878). Em termos estritamente romanescos, o objetivo de Zola seria criar “o romance de observação exata que não inventasse personagens estranhos, irreais, inverossímeis”. Nesse esforço residiria o grande mérito do escritor, cuja obra “representava uma reação salutar contra os exageros do Romantismo, que criava, a cada momento, tipos de fantasia”. Zola, ao contrário, defendia o “exame real da natureza” e considerava a influência do meio sobre os indivíduos, cuidados a que eram indiferentes românticos como Eugène Sue (1804-1857), Ponson du Terrail (1829-1871) e Alexandre Dumas (1802-1870). A despeito dos elogios iniciais, o articulista denunciava como irrealizável o programa do romancista, pois “sobre cada indivíduo pesam [as] mais variadas influências, desde a hereditariedade, até o meio físico. O impossível é prever de antemão, com segurança, qual será a parte de cada uma”.

Não obstante, o articulista de *A Notícia* justificava a ênfase de Zola no cientificismo pela necessidade de “forçar a mola”, ou seja, acentuar suas diferenças em relação ao Romantismo. Na prática, o romancista teria recorrido à imaginação e assim esbatido o “fio científico” de seus livros: a ideia da hereditariedade. Segundo o articulista, as acusações iniciais de que Zola buscava “o imundo

e o abjeto” dissiparam-se com o tempo; o que o autor de *Nana* (1880) não admitia era “pintar uma humanidade puríssima – e por isso mesmo falsíssima – onde só existissem tipos ideais, tipos angélicos”; apesar disso, o romancista teria sido comedido ao narrar “cenas de volúpia”. O artigo encerrou-se com uma referência à participação de Zola no caso Dreyfus, classificando a publicação de “J'accuse!” como “um ato de coragem superior a todos os elogios” (Emílio Zola, *A Notícia*, 1902, p.1).

No jornal *O Estado de S. Paulo*, a única folha provinciana consultada, foi publicado necrológico em que se mencionou a divisão na opinião pública sobre Zola. Em um extremo, colocavam-se seus admiradores incondicionais, que o consideravam o maior escritor do século XIX; no outro, encontravam-se seus detratores, que o acusavam de sobreviver à custa de golpes de publicidade. O articulista considerava-se em condições ideais para pronunciar-se com isenção sobre o romancista porque já não se ouviam então nem mesmo os “derradeiros ecos” das polêmicas desencadeadas pelo ciclo dos Rougon-Macquart e porque as então recentes polêmicas do caso Dreyfus não tinham repercutido no Brasil. Comparada à de Victor Hugo (1802-1885), a obra de Zola não seria tão “brilhante”, mas podia ser considerada mais “conscienciosa” por seu caráter metódico e regular. Equiparando-se ao autor de *Os miseráveis* (1862), Zola teria obtido fama universal graças ao ciclo dos *Rougon-Macquart* e a sua habilidade em autopromover-se:

Não o caluniam talvez os que ouvem gritos de anunciante confundidos com os brados de revolta do chefe do Naturalismo contra os românticos [...] e com os rugidos do leão generoso que, inesperadamente, surgiu ao lado de Dreyfus, a estender as garras contra o estado-maior do exército e contra os jesuítas, dominadores ocultos da política republicana, que já por diversas vezes o indignara. (Emílio Zola, *O Estado de S. Paulo*, 1902, p.1)

Após considerações sobre o *historiador* dos *Rougon-Macquart* e o *simbolista* de *Os quatro evangelhos*, o articulista assim manifestou-se:

Há uma grande parte da vastíssima obra de Zola que nos repugna. Há outra que nos seduz. E sinceramente lamentamos, sem *pruderie*, que, talvez por um capricho ou por um desvario de moço, tanto tempo andasse pela lama e pela sombra, acabrunhado, mórbido, inimigo da alegria, quem nos parece que nasceu para andar sempre pela estrada larga e limpa, ao sol. (ibidem)

O articulista afirmava preferir o épico do romance *La débâcle* (1892) ao cronista de costumes de *Nana*, criticava a irregularidade estética de sua produção e lamentava que em *Germinal* Zola se esterilizasse apregoando conhecimentos de fisiologia que seriam afinal contestáveis. No entanto, colocou-o, ao lado de Balzac (1799-1850), em posição de destaque na plêiade dos realistas do século XIX (ibidem).

O País, influente matutino dirigido pelo republicano histórico Quintino Bocaiúva (1836-1912), ex-senador e ex-governador do estado do Rio de Janeiro, decidiu enfatizar o ânimo combativo do “grande atleta da pena” [sic], a sua inalterável disposição de lutar contra “os pontífices do erro e da rotina”, ou seja, contra o tradicionalismo intelectual. Sua primeira batalha teria sido em defesa do pintor impressionista Édouard Manet (1832-1883) contra o academicismo. Depois da publicação de *Nana*, fora obrigado a defender sua obra e o Naturalismo dos “dardos de uma crítica inclemente, cheia de injúrias e covardias” (Emílio Zola, *O País*, 1902, p.1).

Se na França Zola necessitava enfrentar contestações, seus editores em outros países expunham-se ao dissabor ainda maior de responder a processos judiciais. Segundo o articulista de *O País*, tamanha oposição ocorreu porque “em toda a parte a verdade aflige e atormenta, morde as consciências hipócritas, fere os prejuízos necessários à exploração de todos pelo agrupamento dos convencionais”.

A trilogia das *Três cidades* marcaria o início de uma nova fase, pois subitamente o romancista transformara-se no “sacerdote da justiça e da verdade, surgindo admirável de potestade espiritual”. Ouve-se então “o grito *J'accuse*”, que “ecoou pelo universo como

uma voz nova de justiça” e com o qual se iniciava “uma das maiores epopeias” de todos os tempos (ibidem).

O *Jornal do Brasil* preferiu narrar os percalços iniciais enfrentados por Zola desde sua adolescência modesta até alcançar o sucesso literário com a série dos *Rougon-Macquart*, que dele fez o principal escritor naturalista. Ao conceber a obra literária como “a natureza vista através de um temperamento” ou “um resumo da natureza feito pela imaginação”, Zola teria, segundo o articulista, resumido o programa da nova escola. Em suas últimas obras, o romancista manifestaria propensão ao idealismo, ao “espírito das sínteses gigantescas, abrangendo a França e o Universo”. Dessas sínteses, algumas seriam “falsas”, porém todas “sinceras”. Após essa pequena restrição, o articulista restabeleceu o tom laudatório próprio dos necrológios.

Ponhamos de parte o que possa haver de heterodoxo e iconoclasta na obra do romancista. [...] Verdade! é o título do seu último livro; verdade é a aspiração da sua vida inteira. E verdade para quê? Para que a justiça, enfim, triunfante, distribua mais equitativamente a riqueza, corrija a plutocracia ávida, distribua o pão pelos que o cultivam e regam com o seu suor, aqueça a mansarda do proletário... (Emílio Zola, *Jornal do Brasil*, 1902, p.1)

É bastante significativo esse fragmento que fazia de Zola uma espécie de paladino da justiça social, pois o *Jornal do Brasil*, quando de seu relançamento em 15 de novembro de 1894,³ apresentou-se como “defensor dos pequenos e dos oprimidos” (cf. Sodr , 1966, p.304). O artigo tamb m exaltou a “abnega o” com que o escritor lutava pelas boas causas e de que era exemplo recente sua participa o corajosa no caso Dreyfus. J  no “declinar da vida”, “coberto de gl ria e nadando em ouro”, Zola “tudo jogou: renome, descanso, posteridade, em favor de um m sero condenado [...] e jamais o

3 O *Jornal do Brasil* circulara anteriormente de 1891 a 1893, quando sofreu persegui es por apoiar a Revolta da Armada.

prestígio da inteligência ao serviço da verdade e da justiça foi mais imperioso e decisivo” (Emílio Zola, *Jornal do Brasil*, 1902, p.1).

De todos, o necrológio do vespertino *Cidade do Rio*, dirigido pelo boêmio, desabusado e imprevidente jornalista José do Patrocínio (1854-1905), que se consagrara nas lutas pela libertação dos escravos, foi o mais crítico; pode-se até mesmo julgar que seu início aludia ironicamente ao teor encomiástico dos textos publicados nos matutinos: “A hipocrisia literária vestiu-se de luto fechado, como símbolo da dor profunda que lhe causou a morte de Emílio Zola”. O articulista desconfiava da sinceridade das pesarosas manifestações de quem não podia avaliar a perda sofrida pelo “moderno espírito francês”, uma vez que “Zola não era acessível à universalidade das inteligências” e, portanto, não seria devidamente compreendido: “Não era a originalidade de sua missão estética que prendia a maioria dos que lhe decoraram o nome; era o escabroso, o cru, o natural a que obrigava os seus personagens, quando os punha em ação” (Zola, *Cidade do Rio*, 1902, p.1).

Analisando “filosoficamente” a obra de Zola, o articulista concluiu que “ela tendia a matar o capitalismo e abrir caminho [...] ao direito à equidade para com o operário”. A tal observação, que valia por um elogio, logo se seguiu uma violenta crítica ao ativismo político do escritor, que se voltara contra as congregações religiosas: “Com uma obstinação irritante, Zola combatia a moral cristã, procurando derrocar o único alicerce que pode manter de pé o progresso humano: a fé católica. Não pregava a esperança, mas o desalento” (ibidem).

O articulista comparou Zola às “secreções mórbidas do organismo”, pois, do mesmo modo como estas afetam a saúde do organismo e impedem a plena absorção dos alimentos, “erros filosóficos e religiosos” como os do escritor francês impediriam a expansão de Deus no “mundo espiritual”. Mas a solução não se faria esperar:

A morte, a grande purificadora, incumbe-se então de remover o foco de infecção intelectual e pouco a pouco o mundo readquire a sua vida normal de crença e de esperança no Supremo Ser, que é

a sua força e a sua beleza, do mesmo modo que o organismo adorentado readquire a vida, removida a causa que o depauperava e amarelecia. (ibidem)

Ironicamente, a *Cidade do Rio*, que vislumbrava os efeitos “benéficos” do desaparecimento do escritor francês, também encontraria a “morte” naquele ano de 1902, em que deixaria de circular.

Após conclamar o leitor a combater a “incredulidade”, o articulista do jornal de Patrocínio assegurou que os adversários de Deus sempre apresentariam uma falha na armadura – assim como Zola, que “nunca foi verdadeiramente assimilado” e a quem os próprios discípulos haviam abandonado. O artigo encerrou-se com uma súplica a Deus para que Zola recebesse “nova missão” (nova encarnação?) a fim de que sua “poderosa espiritualidade” pudesse, então, ser “fonte de resignação e esperança” (ibidem).

Artigos e crônicas

No dia primeiro de outubro de 1902, Medeiros e Albuquerque (1867-1934), crítico literário de *A Notícia* que se ocultava sob o pseudônimo J. dos Santos, manifestou-se sobre a morte de Zola, em cuja obra distinguia duas partes até certo ponto incompatíveis. O crítico “exigia [...] o impossível, quando pedia que a literatura se fizesse *científica e experimental*”; o romancista, no entanto, “corrigia na prática esses exageros”. Na realidade, Zola protestava contra as “inverosimilhanças do Romantismo”, de que seria exemplo o indianismo brasileiro, e propunha o “romance *possível*, o romance *provável*, em que nada houvesse a contrariar os fatos de cada dia”. A preocupação com a exatidão documental teria sido responsável pelo escândalo desencadeado pela personagem Jesus Cristo em *A terra* (1887); esse nome fora adotado apenas por ser atribuído na França a “bêbados de gênio alegre e folgazão”, sem, portanto, qualquer propósito de ofender a religião cristã. J. dos Santos encerrou sua coluna assinalando uma clara opção de Zola em suas últimas obras

pelo romance de tese, destinado à “proclamação das grandes reivindicações sociais” (Santos, 1902, p.3).

José Veríssimo (1857-1916), um dos principais críticos brasileiros, pronunciou-se sobre a morte de Zola em artigo publicado no *Correio da Manhã* do dia 3 de outubro de 1902. No autor de *Germinal*, o crítico reconhecia um acentuado orgulho profissional e uma aguda consciência de sua função. Após o desastre de Sedan, o romancista encarregar-se-ia de expressar o “sentimento do real” que, entre os franceses, surgira do “horror do presente” e do “desconsolo do passado”, causados pelo remorso de terem apoiado ou suportado o Segundo Império. Como criador da literatura experimental, Zola inspirara-se em Balzac e fora influenciado pelas doutrinas de Renan (1823-1892), Taine (1828-1893) e Claude Bernard. No entanto, haveria conservado em sua obra, a despeito de seus livros de crítica e artigos polêmicos, certo romantismo, que se manifestaria de modo pleno no simbolismo das séries *Três cidades* e *Quatro evangelhos*.

Como, segundo Veríssimo, a epopeia foi sempre uma “forma literária sociológica”, a série dos *Rougon-Macquart* revelou, com sua “acentuada feição sociológica”, o gênio épico de Zola, isto é,

... a sua capacidade de animar o inanimado, de agitar e mover as massas, o seu dom de antropomorfismo e de representação; e seu gosto da alegoria e do símbolo, com a sua preocupação, primeiro só de artista, mas logo depois de homem, pela vida em toda sua complexidade e interesse, e a sua simpatia pela dor humana, acabaram por dar-lhe na literatura francesa, e excedendo-a, na literatura universal um lugar como só o teve Victor Hugo, e como só o tem neste momento Tolstói. (Veríssimo, 1902, p.1)

A obra de Zola seria naquela ocasião “o mais forte documento da confiança dos homens emancipados no futuro da humanidade, regenerada pela ciência, isto é, pela verdade e pela justiça”. O romancista haveria iluminado com um “largo clarão de benevolência” ou um “raio de esperança” os “antros lóbregos que a sociedade cria aos miseráveis na taberna, na mina, no mercado, no teatro, no

mundo”. A “sentida piedade humana” de Zola teria resultado do contato dos miseráveis mais do que da influência socialista que se lhe fez sentir nos últimos anos.

Veríssimo encerrou seu artigo notando que, naquele momento, todos os grandes escritores e artistas seriam socialistas e voltar-se-iam para os problemas sociais. Zola seria o “mais nobre representante” dessa tendência (ibidem).

Armando Erse (1875-1950), que semanalmente ocupava, sob o pseudônimo de João Luso, o rodapé do *Jornal do Comércio* com suas “Dominicais”, enfatizou em longo artigo publicado no dia 5 de outubro de 1902 o contínuo combate da imprensa à obra de Zola. Desde as primeiras produções do escritor, a crítica francesa “guerreou-o, excomungou-o em termos os mais intolerantes e pontificais”, quando não agiu de má-fé.

Sucedendo aos velhos mestres do Naturalismo, mas dando à doutrina que abraçava uma extensão e uma intensidade que a sua pena era a primeira a patrocinar, a sua obra foi julgada de puro escândalo e como tal odiosamente repelida. Do que nele dizia amor à verdade, a crítica teimava em só enxergar amor à notoriedade. (Luso, 1902, p.1)

Enquanto se mantivera no campo literário, Zola restringira, de certa maneira, a divulgação da “Verdade, de que era apóstolo”; correspondentemente, a reação dos desafetos era, até certo ponto, ainda moderada.

Ficava [a Verdade] nos livros, era literatura; não se atrevesse ela a sair do gabinete do escritor para, em vez de tomar o caminho de uma livraria, vir à face dos representantes da sociedade, desmascará-los, acusá-los, pedir-lhes contas, ante o mundo inteiro, dos abusos sancionados e dos crimes praticados... (ibidem)

Com a publicação de “J'accuse”, porém, o cidadão Zola expôs-se a sofrer os mais violentos ataques, pois “os jornais, que não lhe

respeitaram a alevantada inspiração, assacaram-lhe as piores injúrias, atribuíram-lhe todas as desonestidades, todas as venalidades”. O autor de *Vérité* (1903) triunfara em sua defesa de Dreyfus, mas suscitara ressentimentos que, naquele momento, levavam os jornais de direita *L’Eclair*, *L’Intransigent* e *La Libre Parole* a protestar contra as homenagens póstumas a ele dedicadas (ibidem).

No mesmo domingo, Olavo Bilac dedicou a Zola a crônica semanal que publicava na *Gazeta de Notícias*. O poeta brasileiro exaltou a tenacidade e o método com que o romancista francês consagrava-se à sua profissão, que lhe tomava oito horas de trabalho diário.

Bilac admitiu que poderia parecer ingenuidade de Zola almejar “endireitar as cousas do mundo” com a literatura, mas, na realidade, o “apóstolo da verdade e da justiça” nunca se enganara sobre a “incurabilidade da nossa miséria”. Pretendia apenas atender a um imperativo de consciência ao colocar “sua bondade e o seu talento no serviço dessas duas grandes ideias da Justiça e da Verdade, aspirações intangíveis da alma humana” (Bilac, 1902, p.1).

Em suas campanhas, Zola teria sofrido “a guerra dos interesses feridos, a revolta da hipocrisia desmascarada, a vingança da maldade acuada nas trevas”. Contra o romancista, haveriam atirado inúmeras injúrias:

Ela era o explorador da bestialidade humana, o remexedor dos mais ignóbeis detritos da vida, transformando a arte em servidora dos mais baixos instintos da plebe, profanando a vida, rebaixando o amor, amaldiçoando Deus, amassando com a lama dos alcouces os livros que pervertiam a humanidade... (ibidem)

Indiferente aos murmúrios, Zola seguiria erguendo seu edifício que, embora lançasse seus fundamentos “no fundo asqueroso do pântano humano”, “demandava o céu, a claridade serena, a alta glória da luz”. O último projeto do romancista, a série dos *Quatro evangelhos*, coroar a sua obra com os “quatro ideais da regeneração da espécie: a fecundidade que santifica o amor, o trabalho que anula a miséria, a verdade que emancipa a razão, a justiça que gera a bondade...” (ibidem).

Bilac encerrou sua crônica lembrando que a imitação de Zola criara uma “multidão de pornógrafos” que já teria desaparecido ou desapareceria em breve. O mestre, ao contrário, sobreviveria para sempre como uma “glória da espécie humana” (ibidem).

Na mesma edição em que o poeta brasileiro exaltava Zola, outro colaborador da *Gazeta de Notícias* desafinaria o coro de elogios. Em seus “Rabiscos”, Oliveira e Silva revelou-se pessoalmente atingido por dois adjetivos que a crítica brasileira havia atribuído aos detratores de Zola: *hipócritas* e *interesseiros*. Por formar-se com o auxílio dos “mestres do pensamento”, cujos nomes não declinou, Oliveira e Silva declarou-se habilitado a perceber “o erro das modernas correntes intelectuais” e acusou a crítica brasileira de não poder “julgar da sinceridade das opiniões” dos que combatiam o romancista e sua escola por ignorar inteiramente “a natureza e o valor de semelhantes opiniões” (Silva, 1902, p.2).

Assumindo um ponto de vista religioso, o articulista considerou mais insuportável a “intransigência pelas *supostas verdades* ditas por um homem” do que a que se exige para as “*verdadeiras verdades*” [sic] que seu Deus havia revelado. Insinuou também serem fanáticos “os terríveis admiradores do tipo mais acentuado de todas as negações”, Zola.

O que mais irritou Oliveira e Silva nas homenagens ao romancista francês foi o epíteto de “Apóstolo da Verdade” que se lhe atribuiu. Para ele, “a maior das verdades, aquela de que decorrem todas as outras como corolários necessários, é a existência de Deus e a sua providência” (ibidem). Sem Deus, não haveria verdade “de espécie alguma”. Como Zola era ateu, o articulista questionou de que verdade o romancista francês poderia ser o apóstolo.

Considerou, inicialmente, o “suposto amor” de Zola pelas massas. Reconheceu que a obra-prima *Germinal* é um “quadro assombroso da grande questão do século, a luta entre o capital e o trabalho”, mas ponderou que “entre uma tela e a solução de um problema” haveria “muita diferença”. Segundo Oliveira e Silva, o escritor equivocava-se em sua defesa do socialismo por filiar-se à vertente materialista do movimento.

Ademais, o articulista declarou-se cético quanto ao “apostolado” de Zola em favor dos “proletários que gemem sob a pressão do capital”, posto que o romancista seria ele mesmo um “opulento capitalista”.

Embora reconhecesse que Zola possuía a capacidade de “apanhar as faces ridículas ou criminosas da sociedade em que vivia”, Oliveira e Silva contestava também a opinião de que ele houvesse traçado “um quadro fiel do mundo moderno”, uma vez que havia ignorado a “caridade cristã”, “legítimo elemento de civilização moderna” que a França possuía e difundia pelo mundo com seus duzentos mil religiosos, *apóstolos* na verdadeira acepção da palavra.

Aludindo ao romance *A terra*, acusou Zola de nutrir ódio a Jesus Cristo por dar este nome a “um de seus mais imundos personagens”. Quem cometera tal desacato não poderia aceitar a declaração de Jesus: “eu sou a verdade”. Segundo o sofisma de Oliveira e Silva, afirmar que Zola seria o “apóstolo da verdade” equivaleria a negar que Jesus fosse a verdade.

Após condenar a presença do “detalhe pornográfico” nas “páginas admiráveis” do romancista, o articulista formulou enfim uma objeção pertinente:

Na estreiteza de suas vistas, ele não sabia ver o fundo dos caracteres através das paixões. Seu olhar não conseguia penetrar o vício, para nos dar a verdadeira personalidade de seus personagens.

Não conhecia almas, só conhecia temperamentos. (ibidem)

No final de seu artigo, Oliveira e Silva afirmou que Zola foi uma “blasfêmia constante contra tudo quanto de nobre, de casto e de santo as crenças geram nas almas eleitas do Senhor” e assegurou que apenas um serviço haveria prestado: “o Naturalismo no romance, em suas mãos, chegou ao último ponto da degradação; de podre está definitivamente morto” (ibidem).

Em artigo publicado no dia 6 de outubro de 1902, Artur Azevedo dividiu a obra de Zola em três fases. A primeira seria dedicada ao periodismo e à publicação de *Les mystères de Marseille* (1867), a se-

gunda corresponderia à série dos *Rougon-Macquart* e, finalmente, a terceira caracterizar-se-ia pela “moral elevada”, que dele fez “um apóstolo quase divino da verdade e da justiça, um elemento vivo de civilização e progresso”.

Desse artigo, o mais interessante seria, no entanto, uma menção às circunstâncias misteriosas da morte do romancista. O dramaturgo e crítico teatral Artur Azevedo reproduziu um suposto diálogo que teria mantido com um amigo que, considerando a perda da Legião de Honra um primeiro atentado contra quem havia atacado os jesuítas em *Rome* (1896), insinuou haver sido Zola vítima de uma vingança, pois haveria muitos franceses indispostos contra ele: – “Zola não saía de sua terra para munir-se de ‘documentos humanos’, e ninguém há que goste de ouvir as verdades quando lhe são pessoalmente desagradáveis” (Azevedo, 1902, p.1).

Balanço

O tom apocalíptico de Oliveira e Silva, que fez de Zola uma espécie de Anticristo, evocava, em certa medida, a polêmica desencadeada no Brasil pela publicação de *O primo Basílio* (1878), de Eça de Queiroz. Naquela ocasião, Machado de Assis condenava no romancista português, que considerava discípulo de Zola, a “ênfase na sensação física”, que resultava no erotismo difuso de suas obras, e o “carinho minucioso” consagrado ao “escuso” e ao “torpe”.

Apesar das diatribes de Oliveira e Silva, do alívio manifestado pela *Cidade do Rio* com a morte do adversário do catolicismo e da menção no necrológico de *O Estado de S. Paulo* à repugnância provocada por parte de sua obra, Zola recebia, no início do século XX, as homenagens devidas a um grande escritor, em quem se reconhecia dedicação profissional, capacidade de crítica social, gênio épico e interesse sincero pelos problemas sociais de seu tempo. Reconhecia-se também a ação renovadora de sua campanha contra o Romantismo e admirava-se a coragem com que se entregara desinteressadamente à defesa de Dreyfus. O que se nota, no entanto, é que então já não

se aceitavam passivamente os pressupostos do romance experimental, que se considerava meta inatingível, pedra de escândalo e mero preito acrítico à ciência. Formulavam-se, inclusive, críticas à irregularidade estética da sua obra, à sua obsessão pela fisiologia e à sua indiferença pela dimensão psicológica das personagens. Também se acusava o escritor francês de envolver-se em polêmicas apenas com o objetivo de promover sua obra.

Os textos aqui analisados indicavam que o recente envolvimento de Zola no caso Dreyfus e suas últimas produções reforçaram a percepção de seu interesse sincero pelas questões político-sociais, que o levava a desafiar instituições poderosas como o Exército e a Igreja. Num âmbito mais estritamente estético, a publicação das séries *Três cidades* e *Quatro evangelhos*, em que se apontavam características simbolistas, suscitou uma releitura do ciclo dos *Rougon-Macquart*, em que se distinguiram então resquícios românticos.